

Sublingual

CACTOS FLUTUANTES



Prefeitura de
Manaus

Prefeito: David Antônio Absai Pereira Almeida

Vice-Prefeito: Marcos Sergio Rotta

Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos – Manauscult

Diretor-Presidente: Alonso Oliveira de Souza

Vice-Presidente: Cristian Pio Ávila

Conselho Municipal de Cultura – Concultura

Presidente: Tenório Nunes Telles de Menezes

Vice-Presidente: Francineilo Batista da Silva

Concultura

Conselho Municipal de Cultura

Av. Sete de Setembro, s/n. Praça Dom Pedro II – Centro

CEP: 69005-140 – Manaus – Amazonas

Ouvidoria: 0800-092-0111

E-mail: conselho.cultura@pmm.am.gov.br

GRACE DA SILVA CORDEIRO

SUBLINGUAL: CACTOS FLUTUANTES

**PRÊMIOS LITERÁRIOS CIDADE DE MANAUS 2021
REGIONAL III. PRÊMIO VIOLETA BRANCA MENESCAL
MELHOR LIVRO DE POESIA**

Concultura
Conselho Municipal de Cultura

**Cultura,
Turismo
e Eventos**
Fundação Municipal



Prefeitura de

Manaus

Copyright © 2021 – Grace da Silva Cordeiro
© Projeto Gráfico – Concultura

EDITOR

TENÓRIO TELLES

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ANDRÉ MARTINS

CAPA

ANGELO LOPES

NORMALIZAÇÃO

KELLEN ENCARNAÇÃO – CRB-1134

C794s Cordeiro, Grace da Silva.

Sublingual cactos flutuantes / Grace da Silva Cordeiro. –
Manaus : Fundo Municipal de Cultura, 2021. 72p.

ISBN: 978-65-84643-00-0

1. Poesia. 2. Manaus. 3. Memórias. I. Título.

CDD 869.1

Concultura

Conselho Municipal de Cultura

Av. Sete de Setembro, s/n. Praça Dom Pedro II –
Centro | CEP: 69005-140 – Manaus – Amazonas
Ouvidoria: 0800-092-0111
E-mail: conselho.cultura@pmm.am.gov.br

A leitura é uma experiência mágica e fundamental na vida de todo ser humano e da sociedade. Nesse sentido, os escritores cumprem um papel imperativo, pois criam mundos de palavras que nos permitem viajar por planos e tempos diversos – e o mais significativo: ajudam a manter viva nossa memória e encantam nosso imaginário.

Os Prêmios Literários Cidade de Manaus se inserem nesse contexto em que se conectam a memória, o tempo, a palavra e o imaginário. Isso é a tradição da escrita e da criação literária. E os escritores são os guardiães dessa tradição que se estende ao longo dos séculos. Os criadores, premiados na edição 2021, dão continuidade a essa jornada da palavra escrita. A publicação das obras premiadas é a confirmação desse ciclo do processo literário: em que o escritor cria o seu texto, seguido da edição e publicação, até chegar ao leitor – para assim se fechar o círculo da criação e da leitura.

A Prefeitura de Manaus tem compromisso em estimular a produção literária em nossa cidade. E a continuidade desse projeto de incentivo à escrita é parte do projeto do prefeito David Almeida de gerar oportunidades de reconhecimento dos talentos literários de Manaus.

É uma satisfação testemunhar a conquista dos escritores agraciados com essa distinção que leva o nome de Manaus. A todos boa sorte e boa jornada no mundo da criação literária.

Tenório Telles.

DEDICATÓRIA

A Graça Cordeiro,
por ser mulher e tão somente ser.

A Violeta Branca (em memória),
Astrid Cabral e Regina Melo,
pois, continuidade desaguada delas sou.

Seria um jogo a constante expressional da poesia? Ou é o poeta apenas um demente, um parafrênico, que abomina a utilidade do vocábulo, empregando a palavra como valor plástico e musical para seus delírios?

Oswald de Andrade¹

1 O pensamento vivo de Oswald de Andrade. São Paulo: Martin Clared Editores, 1987. p.67

O jorro de sangue é poesia
Não há como estancá-lo.

*Sylvia Plath*¹

A poesia existe nos fatos
Os casebres de açafreão e
De ocre, nos verdes da favela
Sob o azul cabralino.
São fatos estéticos.

*Oswald de Andrade*²

Poesia é desatino
Abrindo a noite
Ao excesso do dia.

*Roberto Piva*³

-
- 1 Revista Época de 19/07/2004. Artigo: Diários de Aflição, de Sérgio Alcides, p.103
 - 2 O pensamento vivo de Oswald Andrade. São Paulo: Martin Clared Editores, 1978, p.67
 - 3 Livro "Ciclones". Coleção Janela do Caos. São Paulo: Mankin Editorial, 1997, p.34

SUMÁRIO

PARTE I – PREMISSA	17
Fato	19
Folhas secas	20
Desfile.	21
Linha reta	22
Quadro verde	23
Suco de maracujá	24
Diálogo	25
Espinho	26
Fúria	27
Atrelar-se às estrelas,.	28
Magma e pó	28
Sobre uma sinistra homenagem...	29
Reunião	30
PARTE II – DELÍRIOS	33
Fumaça e sol	34
Sorriso límpido na estrada	35
Tão longe das mãos	36
Boiando no igarapé	37
Do são raimundo	37
Do outro lado do espelho	39
Só	40
Do vermelho e do negro.	41
Homem chorando em silêncio	42
Eu estou com você quando o vento bate	43
Das dores ou sublingual.	45

PARTE III - O GRITO DO PAVÃO	47
Teia	48
Talvez na próxima	50
Devastação em dois atos ou lilá.	52
Stromboli	55
Ontem.	56
Interlúdio	57
Sereníssima	59
A alma encolhe	61
Sentença.	62
Terra e osso	64
Ranho e renhir	65
Luminosidade	67
Permanência	68
O tempo	69
Ar	70
Epitáfio	71
Companhia para os	72
Tempos imemoriáveis	72

**SUBLINGUAL:
CACTOS
FLUTUANTES**

FATO

Ato com a faca
Fere a teia.

FOLHAS SECAS

Dos olhos do menino
Uma remela escapa
Ao vento

No tempo,
Sorrisos reluzentes
Na janela.

DESFILE

A linha torta
Das saúvas em fila
No caminho tosco.

LINHA RETA

O lixo e a flor
Boiando no rio,
O mesmo destino.

QUADRO VERDE

Borboleta morta
Colada no vidro
Pintura viva.

SUCO DE MARACUJÁ

O sol aparece como
Lembrança de verão
Nos dias de abril.

DIÁLOGO

*A mente é sensual
O corpo é imortal
O poema não importa.*
Rodrigo Garcia Lopes²

O copo é sensual,
A miséria é imoral,
O poema não importa.

2 Anotação s/data

ESPINHO

Liberdade inconcebível:
Flor selvagem nascida
Do asfalto.

FÚRIA

Tolos átomos ateus,
Esperança pontiaguda
E o gesto despencando na certeza meio besta
Dessa alegria deslavada dos largos sorrisos do vazio.

Atrelar-se às estrelas, magma e pó

Vida

Morte

Marido e mariposa

Poeta e esposa

Olho gordo

Eu gosto de chocolate

Três prédios azuis na tarde cinza

Sobre uma sinistra homenagem...

Em busca das memórias do corpo:
Tradição e desejo,
Paixão sussurrada,
O destino do abismo,
A graça da sobriedade,
O berço das novas linguagens.

REUNIÃO

Que se desfaça
A sombra em
Pleno matagal
E jorre sangue
Como um hino
Desatento do viver

Entre tantas mãos
Tocam os dedos
Em finitas e quase
Prolongadas vezes
Teu rosto
Partindo da minha alma

O véu líquido
Vem descendo flácido
Pelas tetas
Encorajando o orvalho
Sem tantas demasias

Que o diga o ontem
Que o faça agora
Que o despreze sempre

A artimanha do bem-vindo
O queimar dos tímidos
A fragrância das moças
Em pleno castelo do porto

Sem mais demora,
Aos sonhos que vão chegar

PARTE II – DELÍRIOS

Equação biquadrada

Voz: o dente do hálito

Pensamento: o osso do cérebro

Canto de pássaro: uma extensão do bico

Fala: o chifre esgalhado da mente.

Robert Bringham³

3 Livro “Antologia da Nova Poesia Norte-Americana”. Tradução e notas de Jorge Wanderley.

FUMAÇA E SOL

A tempestade veio e alagou o jardim cultivado dentro do castelo

A tempestade veio com seus ruídos, gritos e seus escuros

A tempestade veio e jogou o dragão aos pés da donzela
assustada a donzela quis fugir do dragão ...

Que soltava o fogo da paixão e olhos de mistério

E a fumaça ao redor do dragão se transformou em homem
E então confusa, em delírios, a donzela amou a fumaça, odiou o
homem

E se jogou na boca do dragão, de onde saía o sol.

SORRISO LÍMPIDO NA ESTRADA

Esqueci de morrer. Não sei mais como se morre.

O reflexo do brilho das têmporas saltitavam pelas nuvens, e me combalia quebrar castelos com o meu sexo.

Ah! Meu ar tão retilíneo e o cheiro na nuca do perfume esquecido...de esquecer.

Ando pelas estradas e nada me comove, apenas consome e se desfaz, outro retrato, outra figura escondida de mim.

O meu amor é o meu mal, e eu sou o meu bem.

Persisto porque quero outro também desbotado.

Que importa se sei o que existe?Que importa saber quem não sou?

Estou por estar, sem obrigação de morrer ou viver.

Quantos manipulei? Quantos realmente ajudei?

Eu não fiz o que deveria fazer...de cansaço ou vingança?

TÃO LONGE DAS MÃOS

Ele estava lá. Em pé, belo, o cabelo em desalinho. No escuro, o olhar dela despedindo-se de um futuro que não haverá. Ela cansada obteve forças de chamá-lo através do espelho, tão rápido, tão rápido, o encontro e a despedida. Depois de tanta bobagem, pegar o ônibus, ver as garotas passando sem endereço ou rosto, e procurar, procurar o beijo perdido e o silêncio.

E, o silêncio, silêncio em tudo, sem voz, sem os cabelos vermelhos, sem, sem explicação do que não se explica. Tudo ela, ela, ela, enfim ela, indefinida, no quarto, e ele, ele, ele, confuso, confuso, voltando ao porto seguro. O que houve? Nada, nada, nada! Ela vagando catando estrelas no chão, ele se matando por causa de uma vadia. Quanta dor cabe um coração culpado? Ela, culpada, culpada.

Hoje ele vai dormir em paz, com sua flor e seu jardim. O que importa é que a flor continue no jardim.

BOIANDO NO IGARAPÉ DO SÃO RAIMUNDO

“A assinatura de todas as coisas”

James Joyce

Boiando sobre todos, ainda que seja companheira das geladeiras moribundas, das malas quebradas, das garrafas secas, das latas enferrujadas e da....merda.

Boiando como um anjo, sem pecado nem asneira, sem passado, futuro ou sequer presente.Boiando como uma flor arrancada do jardim só porque não havia nada para fazer.Boiando como eco de um gozo sem intenção, sem relacionamento, sem camisinha.Boiando sem raciocínio ou direção.Boiando, olhando as nuvens, se entristecendo, contemplando e ...boiando.Leve, porque o viver não trouxe ódio, inveja, erros, filhos ou uma dívida para se preocupar.Não construiu nada, mas matou muitos sonhos, também leves.Aprendeu a escrever, a imitar, a querer, a ser correta consigo mesma. Tudo vão.

Quis ser pústula para entrar em erupção e feder, mas tornou-se uma bolha de sabão colorida, pequena e amoral como uma borboleta.E no seu cantinho gemia:Oh, céus!Oh, sujeira divina! Eu quero paz, quero um milésimo segundo da eternidade, um grão de paz!Mas, como riam os trovões da sua ingenuidade, riam de dar dó, de fazer chorar. Estavam embriagados desde sempre. Brincando de ressuscitar barro, moldando vaidades, expondo suas marionetes.

Oh! Deus nos deu sangue, sexo, escrita para que a morte fosse algo memorável. E a liberdade tão decantada, por onde an-

da? Não a encontro sozinha, não a encontro acompanhada. Ali está, como lodo ou alga servindo de alimento, que escapa, que possui fios onde não existe a continuidade. Qual a felicidade para a dor intensa? A morte física ou a alienação? Oh! Oh! Gritam os olhos de todas as coisas, me destratando, me engolindo: -Você, tua leveza te amaldiçoa! Você é tão inútil, tão grandiosa, tão nada, para querer ter paz.

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

A alma borbulha dentro do aquário, vez por outra é alimentada por cócegas dos peixes brincando com seus detritos. No canto da mesa ela vê imagens distorcidas, multifacetadas de animais andando, sorrindo, gritando e às vezes, chorando. Ela não entende essa matéria transparente e dura que a impede de expandir-se. Então se percebe suja porque alguém vem limpar, e com o passar do tempo vai se tornando frágil e criando rachaduras. E, não se define ar ou água, pois, quando o aquário é esvaziado, continua sentindo o eco das pedras, dos peixes, do matinho balançando...

SÓ

Compreensão bárbara
Flui desgovernada no vácuo
Bizarro das horas indisponíveis

Caminhamos às abertas, frouxas
E ninguém vê
Anda contigo o inevitável
Fingimento das percas
Que não acabam nem rolam

A angústia batendo em um poço com mil rodopios,
Formando ondinhas silenciosas,
Findas num cantinho brejeiro duma
Existência com muito teor de poucas auroras.

DO VERMELHO E DO NEGRO

A intensidade é um fio de nylon na vida dos homens

Corda do baixo
Corda da guitarra
Corda do violino
Prestes a gritar
Prestes a quebrar

A todo tempo macia e feroz
Com a boca do som
Sem dentes mastigando o tempo
Dos cabelos ao vento
Das bandeiras plainando na avenida

O ruído da cadeira do presente
Desmiolado, desgrenhado, desenhado
Negro nos olhos
Vermelho na faca
Com serpentes da palavra.

HOMEM CHORANDO EM SILÊNCIO

“la flaqueza del bolchevique”⁴

Basta.
O vidro fechado
a cidade correndo
dirigindo a si
perdido e achado
no nome de alguém,
 bilhete riscado
as pálpebras imóveis
feito foice cravando
lembranças na terra
de ninguém,
telefone toca,
tudo some
na nuvem do querer
que desmancha
que alaga
teu rosto
Provocando o
Indefinível.

4 Do filme “La flaqueza del bolchevique, 2003, de Manuel Martin Cuenca. Exibição na TV Cultura, novembro/2006.

EU ESTOU COM VOCÊ QUANDO O VENTO BATE

*“o amor nunca morre de morte natural
morre porque não sabemos reabastecer sua fonte
morre de cegueira e dos erros e das traições
morre de doença e das feridas
morre de exaustão, das devastações,
da falta de brilho” Anais Anin⁵*

Não se encontra duas mulheres *devastadoras*
Ao mesmo tempo, numa mesma vida.
O amor precisa do calor invisível
Da retina brilhante como a
Ponta de uma adaga
Com cabo argênteo.

Porque ele sempre está
Por um fio do inconstante momento.
Não se percebe, oh! não se percebe
Sua presença, seu pensar e penar que
Esvai-se como um córrego no verão.
Essa é sua tragédia e sua comédia.

Lembra um bolero, os blocos de pedra
Na rua estreita, a lua prateada,
O cheiro almíscar exalando o
Vinho do passado ou do futuro

5 Site: http://www.pensador.info/autor/Anais_Nin/

Vê as nuvens deslizando, ouve o silêncio
Do corpo dizendo “SIM” e pega a alma
Da pessoa amada com a boca

Não queres pretender sentir o peso
E a leveza da tua importância?

O incômodo peso do outro, suas pisadas,
Seu respirar, sua agonia, seu continuar..
E a leveza do abismo secreto
Da primavera se entregando toda,
A cada dia, a cada sonho rasgado
No inverno das horas fumegantes,
Na boca colossal das palavras não ditas.

DAS DORES OU SUBLINGUAL

Não, não compreendo a minha lida
Sina algoz, feroz, fútil
Não é túnel nem fuzil
Nem fósforo aceso na escuridão
(lembança de Érico Veríssimo)

Caminha-se só
Caminha-se nó
Na garganta, o som disfarçado de flecha
No pescoço, o alvo da ideia retilínea

E aquela luz é doce e seca e morta
E aquela escuridão é luz morta
Luzes apagadas, afogadas
Luzes que se foram

Por que entender se nada faz sentido
Por que ser, se somos todos um
Anil, anis, anéis

Sei da lima que corta
O ferro velho:
Enferrujado, enrugado, servil
A guilhotina,
Ferro novo:
Mente aberta, cabeça caída

Luz, escuridão, luz
Descansando no caos
Não há motivo óbvio
Para se descansar
- manter coração e razão -

Há sim...Carmim, jasmim, curumim
Há...Sobrevivência, subversão, subvenção

Subir a escada e não cair
Descer carregando a amada
(Ah! Das Dores)
E voltar íntegro, com as lavas
Eternas da inquietude que lambe
O mel da juventude

Sobreviver para sobreviver
Não para amar, odiar, ler
Escrever, apenas sobreviver
O resto, o reto, o gesto são consequências.

O canto do galo ao meio-dia.

PARTE III - O GRITO DO PAVÃO

Ó delicados!
Vós que pousas o amor sobre ternos violinos
Ou, grosseiros que pousais sobre os metais!
Vós outros não podeis fazer como eu,
Virar-vos pelo avesso
E ser todo lábios.
*Vladimir Maiakovski*⁶

Eu não sabia
Que virar do avesso
Era uma experiência mortal.
*Ana Cristina César*⁷

6 Vladimir Maiakovski. Antologia Poética. Ed. Max Limonad, 3ª ed.

7 Poema "Fagulha". Site: cais de poemas

TEIA

Eu volto quieta
Eu volto demarcada,
Desmascarada
Volto como símbolo sussurrante
De uma presença cativante, pulsante
Que revolta teus pêlos
E neles se aquece e se esquece.

Sou fantasia desesperada
Nessa realidade quântica
Sem intervalos, sem portais

Sou o sol que fere e amacia
Cheia de prantos, soluços,
E olhares submundos.

Você vê e não crê
Que eu existo, resisto, implodo
E espalho imperfeição,
Cores alucinantes, sábados dançantes,
Neuroses e tranqüilizantes.

Sou o que te faz sonhar
Sou um pedaço de um gesto
Multilateral-multifacial
Mundi-mundi
Mapa-palavra-colônia-casa
Asa-curral-vaca-panela

Sou Estocolmo,
Arranha fria no teto azul,
Sou Arábia,
Oásis vestido com túnicas coloridas,
Sou a galáxia sangrando poeira.

Imagem-cheiro-blue moon
Fio de cabelo breve
Sorriso de infinito mistério
Respirar leve no peito cansado

Eu volto quieta
Porque há muitos caminhos
Para se encontrar

Muitos rios, mares, povoados,
Peixes, bichos, árvores,
Espaços, paredes, muros,
Filhos, tios, nascimentos,
Renascimentos, guerras, armamentos,
Igrejas, flores, pais, livros,
Programas, teatros, hospitais,
Carros, arroz, feijão,
Preços, valores, prédios,
Aviões, ônibus, internet,
Telefone, música, grito,
Desejos, falsidades, falcatrúas,
Pontes, solidão, praças,
Ambições, lojas, escolas...
_ entre nós _

TALVEZ NA PRÓXIMA

Para Robert Vaughan⁸

Correr...andar sem muletas
Voar...gravidade nua
Poder ser um imbecil,
Um covarde,
À beira das asas coloridas
De algum anjo besta

Que sugue minhas forças
Na noite fria à procura
Das masculinidades

No armário, saias e botas
Num espaço devastado
Por infantilidades

Oh! Julie,
Poupe-me das lembranças velozes,
Das lembranças dicotomizadas,
Das pizzas, dos hambúrgueres.
Dos beijos, da calçinha
Jogada em cima dos livros

8 Do livro *Crash*, de J.G. Ballard, 1973 e do filme de *Crash*, *Estranhos Prazeres*, David Cronenberg, 1996.

Venha Julie,
Venha e me apanhe
Como uma doença terminal

Venha e diga que tudo está
Perdido,
Venha e me salve da rotina,
Do acordar cheio de dores
Que já conheço

Oh! Julie, entre e saia
Pela mesma porta
Porque não quero
Ferir a beleza
Que não me pertence.

DEVASTAÇÃO EM DOIS ATOS OU LILÁ

Sadness, sadness...

Vê aquela mulher que parte
 Vê aquela mulher que arde
 Vê essa mulher, de repente
 Tornou-se apenas um passo
 Sem história,
 Sem sexo,
 Sem textura

(neblina
 sua
 nua)

Vê aquela mulher que parte
 Essa mulher já quis ser tua
 Já quis dormir nos teus abraços
 Te aquecer os pés
 Sentir teus olhos na cara

(límpida lâmina
 veludo azul
 seda seca
 rápido – no tempo)

Tanta delicadeza
 Tanta trama
 Por um sorriso
 Que vinha do acaso

(passo a passo
pássaro ser bruma
e não ser
espuma-pássaro
- o outono)

Sente o salto firme
Ele está pisando no teu
Cadáver, no tesão
De outrora

(hora, hora, hora,
sem hora,
Vambora!
A hora embola
Embala
Mão na mão)

Não há mais esperança
E tua atenção apodreceu
Na tua voz fria,
Na tua ânsia tímida
Na tua brincadeira despreziosa

(visgo da terra
lume na boca
borboleta voa)

Ela não vai olhar para trás
Porque sabe que não valerá
A lágrima, nem a ironia,
Nem a ilusão de
Ter sido especial

(porta fechada
 presente virou
 passado de
 pernas enteviradas
 - espaço sideral)

Pois não foi. Não minta
 Não finja. Não tenha pena.
 Deixe-a em paz seguindo
 Seu reto caminho

(dia-
 dorzinha
 diabo se
 encarrega de
 enterrar)

Seu correto caminho
 Sem ti
 Sem teu falso ardor
 Sem tua falsa carência

(ar gélido-
 ria o rio
 sem porto)

Outros merecem ter o
 Que você não pode dar

(pústula
 estoura
 depois
 sara
 vira
 orquídea).

STROMBOLI

Entrando na toca daquele animal sangrento
Penetrando a selvageria florida,
Tão distantes cosmos, tão distantes vias,
Pontuadas de dedos dilacerantes, ferventes.

Nossas entranhas espalhadas
Por cada viga da parede
Pingando suspiros
Babando declarações

E o vento lá fora nos chamando
E no casulo,
Eu-umbigo,
Tu-feto,
Nós-imbróglio.

ONTEM

*Para Cass⁹ e Charles Bukowski,
Em memória*

Já escrevi mil vezes sobre a mesma coisa
Apenas os homens são diferentes me ferindo da mesma forma

Como uma agulha picando no cérebro:
Esse é o remédio
Esse é o veneno

Deixa o pelicano caçando seu peixe
Sentindo na pedra a maresia de um dia longo
O sangue boiando na pupila de um sol castanho
Desterro.Desalento.

...Porque do amor o pus se transforma
Em mel para depois tudo se perder na vulva do desconhecido.

9 Do livro "Crônicas de um amor louco: ereções, ejaculações, exibicionismos. Parte I. Charles Bukowski, no conto "A mulher mais linda da cidade". Porto Alegre: L&PM, 1984. p 7-12

INTERLÚNIO

- Você não se deixa mostrar...
- Por quê? Para quê? Para você me destruir?
- (sorriso amarelo)
- Te dou uma flor ou uma navalha?
- Tanto faz, dói do mesmo jeito quando não é amor
- De novo nosso acaso
- Eu sou inevitável
- Sombra ou neblina?
- Neblina que te veste. Sombra não, porque gosto da nudez vista
- E agora?
- Já foi o agora. Você me matou, não lembra?
- Como?
- Com um beijo nas costas e um sorriso nos olhos
- Não fala, tua boca mexendo me dá estranhamento
- Do quê?
- Dessa fumaça que é teu corpo. Madeira queimando. Pele caindo e uma estrela no amanhã.
- Pirou?
- Não. Piorei.
- Sai.
- Não consigo!
- O quê?
- Te fitar, ser teu, aquietar meus dedos que te querem
- Será assim
- O nosso fim
- Terminar na lama
- Mulambento!

- O quê?
-lambendo o
- o quê?
-Nada
- O cano da pia estourou
- Chama o médico
- Já estou apodrecendo
- Já sou cinza
- Cinza-carniça
- Não tem jeito!
- Só separados!
- Fogo e carne
- Churrasco ou Pizza?
- Churrasco!
- Pizza!
- Adeus!
- De novo?!?!?!?
- (sorriso verde)

SERENÍSSIMA

Para Jack Kerouac

Em lembrança

Ele me chupando
A vida está no prelo
Ela parindo
A vida está no prelo
Carregando todo peso do mundo
A vida está no prelo
Borrando a maquilagem
A vida está no prelo
Afiando os dentes
A vida está no prelo
Abençoando as putas
A vida está no prelo

Desdentados sorrindo
A vida está no prelo
Escritor sem teto
A vida está no prelo
Por minutos, no banho
A vida está no prelo
Escritor na montanha
A vida está no prelo
Recluso
A vida está no prelo

Coelhinha da Playboy
A vida está no prelo

Vomitando suas jóias
A vida está no prelo
Atravessando a rua
A vida está no prelo

Pagando as dívidas
A vida está no prelo
Comprando conforto
A vida está no prelo
Conhecimento é poder
A vida está no prelo
Poder vem com política
A vida está no prelo

O que me mata não me fortalece
A vida está no prelo
Eu sei de toda dor
A vida está no prelo
Que me consome com vermes invisíveis
A vida está no prelo
Por isso não chego perto do deus platinado
A vida está no prelo

Porque continuo a arder
...ON THE ROAD.

A ALMA ENCOLHE

Desmembrando a carne
Como um molusco no jardim
Aguardando a morte
Despedindo-se da vida

Quimeras. Crepúsculos.
Lá se foi um raio de sol
O brilho dos olhos
Nas horas pesadas

Ó te abençoô ridícula emoção
Ó te desprezo dicotomia da racionalidade
Ao que vem, ao que vai
Matéria fabricando
Tijolos e aconchego.

SENTENÇA

Das mil faces da mulher,
Qual é a que veneras?
Qual é a que queres?
Qual é a que surpreende?

Dia após dia na agonia
Do ser refletindo as paisagens
De uma Barcelona quente
Vielas como a caverna de Platão
Sem sombras

Aos covardes, nada de mistério
Aos covardes, nada de paixão
Aos covardes, a indiferença

Pela racionalidade se constroem
Prédios, carros, roupas.
Mas, e o resto?

Letras secas como um muro
Tijolos não são mãos amarradas
E a ânsia sexual faz parte
Do alimento comungado com a cruz

Bicho severo é a mulher
Enfrenta mil desafios
Sussurra mil desafetos
Brinca com mil palavrões

Para se tornar uma, a única,
A estrela que caiu na testa da noite.

TERRA E OSSO

A umidade dos fósseis
 A umidade do sexo
 A umidade da noite
 A umidade do som
 A umidade do despertar

A unidade
 A unicidade
 A univoxsex
 A unibandeira sem pêndulo

O terno voraz do orvalho
 O eterno vestido de bruma
 Tu-tu-tu
 Tumulto no túmulo
 Em lápide

Fotos do caos
 Quem foi, volta
 Quem não foi, volta
 Tudo mais no passado
 Marrom com morango

No céu da boca que sangra
 A umidade
 A unidade
 Do corpo retalhado pela língua.

RANHO E RENHIR

Pó ao pó
só ao só
sol ao sol
dia e dia
não
Re_lento
Re_lembro
Re_benta
a íris
os dentes pendentes
agulha furando
o sonho do som
no olho de vidro
acrílico
fio
filho
filhós

doce esse ar
bebido
Pé a pé
no ralo
cabelo
sabonete
um gemido

de tudo
de tanto
o tempo preenche o lar

e dá cor
odor
ao
acordar
continuar
de novo
o movimento
e o riso solto no sal
pó_eira
sem_eira
peneira
escapa na
estrada
Teu gozo
em partículas
mínimas _
Respirar.

LUMINOSIDADE

Na areia quente que chega
Sugando teus pés reluzentes
A sede do viver
Tão de repente
Como uma gota da chuva
Beijando o girassol de plástico.

PERMANÊNCIA

Palavras pra dizer
De novo o que foi dito
Todas as folhas em branco
Todos os livros fechados
Tudo com todas as letras
Nada de novo debaixo do sol.

*Marcelo Frommer e Sergio Britto*¹⁰

Deixar-se na praia:
Pérola

Deixar-se no penhasco:
Vento delirante

Deixar-se no ar:
Folha que queima

Deixar-se na carne:
Pergaminho.

10 Da música "Palavras" do grupo de rock brasileiro, Titãs. CD ACÚSTICO MTV TITÃS.

O TEMPO

Vinho
&
Arsênico

AR

Poema é *língua*
vento desedificante
estrutura solar
estrutura lunar
sangue coagulado
talhado com *lembranças*.

EPITÁFIO

Poeta não se define: é um ser à parte.

Jorge Tufic¹¹

No
Olho
Da
Esfinge
Está
Escrito
:
Não
Me
Decifre

11 Pinto, Zemaria. A Poética de Jorge Tufic. Transcrição do poema “Poeta não se define: é um ser à parte” In: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/zpinto12c.html> Acesso: 18/01/2021

COMPANHIA PARA OS TEMPOS IMEMORIAVEIS

“O poeta é um homem como os outros
Um pedreiro que constrói seu muro
Um construtor de portas e janelas.”
*Nicanor Parra*¹²

Virginia	Sylvia	Anne	Anais	Simone	Floberla	Frida
Diane	Sarah	Hannah	Nina	Violeta	Luz Del Fuego	
Ana	Alejandra	Patrícia	Clarice	Hilda	Fernanda	Marcia

12 Nicanor Parra no poema “Manifesto”. In: http://www.antonio Miranda.com.br/iberoamerica/chile/nicanor_parras.html Acesso: 14/06/2021